



UFSM

AUTISMO UM JEITO DIFERENTE DE SER

Artigo Monográfico de Especialização

Márcia Pereira de Souza

Ji-Paraná, Ro, Brasil

2010

AUTISMO UM JEITO DIFERENTE DE SER

por

Márcia Pereira de Souza

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

Orientadora: Sabrina Fernandes de Castro

Ji-Paraná, Ro, Brasil

2010

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo
Monográfico de Especialização

AUTISMO UM JEITO DIFERENTE DE SER

Elaborado por
Márcia Pereira de Souza

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Sabrina Fernandes de Castro

Denise Medina Fidler

PROF MS. Edilson de Souza

Ji-Paraná, Ro, Brasil

2010

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

AUTISMO UM JEITO DIFERENTE DE SER

AUTOR: Márcia Pereira de Souza
ORIENTADORA: Sabrina Fernandes de Castro

Em consequência das políticas públicas sobre Direitos Humanos e das propostas de Educação Inclusiva na última década têm-se acentuado os estudos e o desenvolvimento de práticas e oportunidades educacionais para pessoas com Autismo. A inclusão da criança com autismo tem desafiado a maneira de ensinar dos sistemas de ensino brasileiro, por isso a necessidade de descobrir o motivo pelo qual algumas destas crianças não conseguem se desenvolver academicamente e socialmente em tal ambiente, já que a educação inclusiva tem como objetivo principal o reconhecimento e a valorização da diversidade como fator de enriquecimento do processo educacional. Neste processo procura responder às necessidades de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos, que estão fora da Escola ou enfrentam barreiras para a participação nos processos de aprendizagem. O presente trabalho teve como objetivo abordar a vivência dessas pessoas no ambiente escolar e no Atendimento Educacional Especializado através de metodologias diferenciadas, baseada no Programa Son-Rise. Para tanto foram realizadas visitas as escolas a qual estas crianças estão matriculadas.

Palavras-chave: Autismo; Inclusão; e Interação

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	07
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
2.1 Um novo olhar para o autismo.....	09
2.2 Atendimentos Educacional Especializado Baseado no Programa Son-Rise.....	13
2.3 Autismo e inclusão.....	15
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	16
3.1 Participantes.....	17
3.2 Instrumentos.....	17
3.3 As escolas pesquisada.....	17
4- RESULTADOS.....	18
4.1 Os professores e sua atuação com as crianças autistas.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
6. REFERÊNCIAS	22

APRESENTAÇÃO

A questão da diversidade tem ocupado muitos e diferentes espaços de reflexão entre educadores das mais diferentes áreas de atuação segundo a qual os educadores, as escolas, os sistemas educacionais e a sociedade em geral, devem transformar suas concepções e suas práticas de modo a atender a todos os alunos. Diante disso os trabalhos pedagógicos na educação dependem e decorrem da adequação do processo escolar à diversidade dos educando e quando a escola assume que as dificuldades encontradas são resultados do modo como o ensino é ministrado, a aprendizagem é concebida e avaliada, e ao ser avaliado as velhas práticas educativas são substituídas por novas metodologias visando assim uma educação igualitária onde abrange todos os educando em todos os níveis de aprendizagem.

A inclusão da criança com autismo tem desafiado a maneira de ensinar dos sistemas de ensino brasileiro, por isso a necessidade de descobrir o motivo pelo qual algumas destas crianças não conseguem se desenvolver academicamente e socialmente em tal ambiente, já que a educação inclusiva tem como objetivo principal o reconhecimento e a valorização da diversidade como fator de enriquecimento do processo educacional. Neste processo procura responder às necessidades de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos, que estão fora da Escola ou enfrentam barreiras para a participação nos processos de aprendizagem.

Não basta sermos conhecedores através da lei, dos direitos e fazer deles discursos calorosos sem que entendessem realmente a presença das crianças com Necessidades Educativas Especiais do nosso convívio diário. No caso específico deste artigo as crianças autistas, precisam ser compreendidas em seus vários aspectos, assim como o modo que estas crianças retêm o conhecimento, portanto é importante relatar o trabalho de sucesso que vem sendo desenvolvido no Atendimento Educacional Especializado, e como acontece a inclusão destas crianças nas escolas municipais de Ji-Paraná.

Ji-Paraná é um município brasileiro do estado de Rondônia, com uma população de 111.010 habitantes, a cidade é a segunda mais populosa do estado, é movida principalmente pelas grandes indústrias do setor madeireiro, industrial e laticínios. A cidade também é conhecida por Coração de Rondônia, devido sua localização na região central do estado e a presença de uma ilha com um formato que lembra um coração.

A cidade possui nove escolas particulares, e 56 escolas públicas de ensino fundamental e médio e 6 faculdades de ensino superior.

Em Ji-Paraná, a política de educação inclusiva segue a proposta do Ministério da Educação (MEC), que é: "Assegurar os alunos que apresentam necessidades educativas especiais, as condições para ter acesso e permanência na escola, dando curso as suas potencialidades em todos os níveis, etapas e modalidades da educação, na perspectiva de construir uma educação inclusiva." (BRASIL, 2004 p.36)

Assim os objetivos da educação inclusiva no município estão relacionados à garantia do acesso de todas as crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais ao sistema educacional público, bem como disseminar a política de construção de sistemas educacionais inclusivos e apoiar o processo de implementação nos municípios brasileiros.

Com base nessas premissas é que esta pesquisa será desenvolvida com o objetivo de verificar como acontece o processo de inclusão das crianças com autismo no município de Ji-Paraná, assim como as alternativas educacionais utilizadas pela equipe da escola e pela a equipe que trabalha no Atendimento Educacional Especializado, também foi analisado o relacionamento entre

professor/aluno e aluno/aluno”. Assim, este artigo está organizado da seguinte forma:

A primeira parte aborda a importância, os objetivos e a necessidade de uma educação inclusiva, onde o desenvolvimento de sistemas educacionais devem acolher a todos, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas e outras, representa a possibilidade de combater a exclusão e atender as especificidades de cada educando.

Na segunda parte, abre-se a possibilidade de um novo olhar para as pessoas com autismo, e investiga as alternativas educacionais destinadas a essas crianças, verificando as práticas de interação social e comunicação assim como a avaliação e o apoio da família para estes educando.

A terceira parte explana sobre o processo de inclusão de crianças autistas nas escolas municipais e as ações desenvolvidas junto ao Atendimento Educacional Especializado.

Ressaltando que o direito de todos à educação é, sem dúvida, uma tarefa difícil, mas um caminho a ser feito, onde o processo depende do desejo dos educadores e dos pais, do querer fazer essa mudança.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Um Novo Olhar para o Autismo

Autismo é a denominação dada a um conjunto de comportamentos derivados de um desenvolvimento neurológico/metabólico atípico, segundo o CID-10

“Os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento podem ser compreendidos como um “Grupo de transtornos caracterizados por anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas e em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restritas, estereotipados e repetitivo; essas anormalidades qualitativas são um aspecto invasivo do funcionamento do indivíduo em todas as situações, embora possam variar em grau; na maioria dos casos o desenvolvimento é anormal desde a infância e, com apenas poucas exceções, as condições se manifestam nos primeiros cinco anos de vida; é usual, mas não invariável, haver algum grau de comprometimento cognitivo, mas os transtornos são definidos em termos do comportamento que é desviado em relação à idade mental”.

Assim, sendo o autismo é uma desordem global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta a capacidade da pessoa comunicar, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente segundo as normas que regulam essas respostas. (mais especificamente um transtorno invasivo do desenvolvimento) que compromete as interações sociais. Portanto podemos dizer que o autismo é um dos grandes distúrbios da comunicação e da socialização. Manifesta-se até os três anos e ocorre quatro vezes mais em meninos do que em meninas. Varia do mais leve ao mais severo comprometimento, o que pode confundir o diagnóstico, levando às vezes a um tratamento inadequado. (Schwartzman,2003).

Até a década de 80, podia-se dizer que o Autismo era raro, pois ocorria em 5 crianças para cada 10.000 nascidas vivas. Após 1990, a incidência era em média de 60 por 10.000. Hoje, nos Estados Unidos da América, 1 em cada 150 crianças é diagnosticada autista (no estado de New Jersey, 1 em cada 60 meninos é autista). No Reino Unido, essa média é de 1 em cada 100 crianças. Os meninos são mais atingidos (4 meninos para cada menina). No Brasil ainda não se tem uma porcentagem definida, mas fala-se de números parecido com dos Estados Unidos.¹

Na verdade, existem hipóteses, mas ainda não há estabelecida uma causa para o autismo e nem um consenso claro para todas as causas supostas, talvez porque cada indivíduo possua sintomas variados e diversificados, o que indica existir autismos distintos com causas diferentes. Muitos estudiosos já abriram mão de procurar uma causa única, por se tratar de uma perda de tempo e dinheiro. Dentre as causas supostas do autismo, podem-se citar algumas, bem relevantes:²

Condição genética preexistente: já foram encontrados genes suspeitos em alguns indivíduos, mas, na maioria, ainda não se identificou um gene específico. Apesar disso, a condição genética, ainda desconhecida, justifica o

¹ { [HYPERLINK "http://www.inspiradospeloautismo.com.br/Informe-se/Autismo/Autismo.html"](http://www.inspiradospeloautismo.com.br/Informe-se/Autismo/Autismo.html) }

² Revista terceiro milênio (2008), "Abordagens menos invasivas encerram a "era negra" do autismo",07 de julho,pp.5

porquê do surgimento do autismo em algumas pessoas e em outras não, sendo elas expostas aos mesmos fatores ambientais. No entanto, ela ainda falha em explicar todo o contexto relacionado ao aumento recente dos casos de autismo.

Causas ambientais: É dito que elas desencadeiam o autismo nos indivíduos com predisposição. Estão relacionadas a vacinas; intoxicações relacionadas ao mercúrio; exposição a metais pesados (da mãe grávida e da própria criança); pesticidas, radiações; uso contínuo de antibióticos e outros medicamentos; exposição a certos vírus; e a como esses fatores interagem com o cérebro para que os sintomas apareçam.

Causas metabólicas: Envolve as questões gastrintestinais (alergias alimentares, intestino permeável, doenças intestinais crônicas, má nutrição etc.). Essas são as causas mais estudadas hoje e os pesquisadores acreditam, de fato, que são as causas-chave do autismo (associadas também às causas acima).

O diagnóstico é feito por psicólogos, pediatras, neurologistas, baseando-se, principalmente, na observação dos sintomas típicos. Mais importante do que discutir sobre os métodos de diagnóstico, é bem mais válido ressaltar a forma como os pais recebem o mesmo. Normalmente, o que eles ouvem dos profissionais é que o autismo é “uma sina irreversível, para toda a vida”, pois não existe cura, e que o tratamento consiste, apenas, em terapias de modificação comportamental e medicamentos alopáticos ansiolíticos, anticonvulsivantes e calmantes.

O que ocorre é que, em vários casos, esse diagnóstico é feito sempre com base nas incapacidades atuais e o prognóstico é dado com base nas possíveis inabilidades futuras do indivíduo. Os critérios de diagnóstico falham quando não incluem, também, as capacidades, vantagens e habilidades de muitas crianças autistas: memória fotográfica e capacidade de memorização privilegiada; talento musical; inteligência notável; e raciocínio incrível, por exemplo, em áreas como a matemática; e percepção visual e auditiva aguçadas, dentre várias outras habilidades. Tudo poderia ser bem diferente se fosse dito aos pais que se pode encontrar uma motivação nessas capacidades (mesmo as

mais simples) e, assim, desenvolvê-las para o surgimento de novas habilidades importantes para o desenvolvimento social.

A boa notícia é que, aos poucos, vem surgindo um número crescente de profissionais que estão se atualizando cada vez mais sobre os estudos de todos os fatores relacionados ao autismo, que têm a mente receptiva para o que tem dado certo no tratamento do autista como um indivíduo único e apto a desenvolver-se, a ponto de eliminar todos os sintomas limitantes que o rotulam e o destinam como “incurável”.

Hoje, existem provas consistentes de que o autismo é tratável. Não é um fardo. Existe uma citação do Dr. Bernard Rimland, Ph.D., que diz que:

“ ...no ano de 1995 a epidemia do autismo já estava evidente e era também claramente evidente o fato de que muitas crianças autistas começavam a mostrar melhoras notáveis, que podiam ser atribuídas aos tratamentos que não envolviam o uso de drogas e, sim, aos tratamentos conhecidos como “medicina alternativa” (melhor descrita como “medicina inteligente”).

Junto com as intervenções citadas acima, é importante ressaltar a escolha de uma boa técnica educacional que seja integrada ao tratamento. A criança deve ser olhada como um todo, ao invés de se focar apenas naquilo que aparenta ser desafiante para ela. A este respeito Cunha (2009, p.56), reforça dizendo que:

“..se realmente quisermos construir com o nosso educando atraentes situações de aprendizagem, não caberá em nosso trabalho nenhum modelo pedagógico que não parta dele”. Quando se concentra nas habilidades e motivações do autista, ele pode ser ajudado a superar suas principais áreas de desafio.

Uma das técnicas utilizadas atualmente é o Programa Son-Rise que surgiu em 1974, criado por Barry Neil Kaufman e Samahria Lyte Kaufman para seu filho Raun, que possuía autismo severo. Após Raun Kaufman ter sido totalmente recuperado de sua condição autista (sua história originou o filme Son-Rise, a Miracle of Love, lançado no Brasil como Meu filho, meu mundo), o casal foi procurado por famílias do mundo inteiro e, hoje, essa intervenção amorosa, respeitosa e livre de julgamentos trouxe inúmeros benefícios para os autistas e suas famílias e, assim como Raun Kaufman, existem várias histórias de crianças autistas submetidas ao programa que hoje se encontram totalmente fora do espectro.

É verdade que quanto mais cedo à criança começar a ser atendida, melhor ela se beneficiará das abordagens empregadas. Mas isso não significa que as crianças mais velhas, ou mesmo os adultos, não possam também ser favorecidos, ou que o tempo deles já passou. Já foi provado que não há limite de idade para que as intervenções educacionais sejam empregadas com sucesso.

O método Son-Rise já começou a ser difundido no Brasil por intermédio da organização “Inspirados Pelo Autismo”. As famílias brasileiras que iniciaram esse programa, já podem relatar positivamente os resultados surpreendentes que vêm obtendo.

E assim se inicia a nova era para se tratar o autismo. A era de se acreditar na solução.

2.2 Atendimento Educacional Especializado Baseado no Programa Son-Rise no Município de Ji-Paraná

Segundo a Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009, “...o Atendimento Educacional Especializado tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

Diante desta resolução e do número de matrículas de crianças autistas na rede regular de ensino do município, se fez necessário criar estratégias para que estes alunos fossem verdadeiramente incluídos no ambiente escolar, mesmo com a implantação das salas de recursos multifuncionais percebeu-se que as crianças autistas não se desenvolviam academicamente, pois os muitos estímulos visuais prejudicavam, assim também como o barulho e movimentação que existia no local

O município de Ji-Paraná conta hoje com aproximadamente 32 crianças e adultos diagnosticado com autismo, durante muito tempo essas pessoas só recebiam o atendimento em instituições especializadas, no caso do município a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), com a mudança da legislação e a obrigatoriedade da matrícula na rede regular de ensino as escolas tiveram uma nova clientela matriculada, pouco conhecimento se tinha até a chegada

dessas crianças ao ambiente escolar, a família pouco podia ajudar já que também não sabia como lidar com seus próprios filhos.

A chegada das crianças com autismo na escola despertou uma grande preocupação aos gestores, pois se sentiam despreparados para trabalhar com estas crianças, já que o ambiente escolar de nada favorecia, pois o colorido das salas de aula e o barulho habitual de uma escola pareciam piorar o estado da criança.

Foi baseado nesse dilema que se procurou uma maneira de fazer a inclusão dessas crianças de uma maneira mais natural e com menos sofrimento para ambos os lados.

O Atendimento Educacional Especializado para as crianças autistas esta baseado no programa Son-Rise, a criança recebe atendimento 3 horas diariamente contra-turno a sala de aula regular, o atendimento funciona um-a-um e ajuda a criança a filtrar as informações recebidas, é baseado em metas a serem atingidas no decorrer de três meses, o objetivo do programa não é formar robôs, mas formar pessoas autônomas para viver e conviver em sociedade, estas salas são simples, sem muitos objetos, apenas brinquedos do interesse da criança e alguns que o professor adicionará em suas brincadeiras gradativamente, neste ambiente o aluno recebe uma atenção individualizada, o objetivo maior é que a criança se relacione e goste das interações sociais com os outros. Além das seções com o professor a mãe ou o pai da criança também tem a oportunidade de trabalhar com o filho diariamente, criando assim um vínculo de amor entre eles.

Segundo Cunha 2009, *o professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o aluno.* É com este pensamento que pais e professores entram para suas seções com as crianças, esperando sempre os sinais verdes dessas crianças para introduzirem novas aprendizagens.

O Atendimento Educacional Especializado para crianças autistas em Ji-Paraná surgiu com a necessidade de melhorar o atendimento a estas crianças, o espaço foi alugado pela prefeitura e conta com três salas que funciona manhã e tarde, devido ao grande barulho existente nas escolas, é que se tomou a decisão de um lugar onde a criança se sentisse confortável, pois percebeu que algumas crianças se assustavam até mesmo com o tocar de sino da escola, este espaço não substitui a sala de aula regular, pelo contrario, depois de apenas 30 dias de

atendimento a criança consegue não só permanecer o maior tempo possível na sala de aula, como também começa a conhecer e interessar pelas pessoas a sua volta.

Hoje são atendidas seis crianças neste espaço e duas crianças domiciliar, pois os pais decidiram ter este ambiente em suas próprias casas, assim professores domiciliares fazem visitas diariamente a essas famílias, com isso não só a criança é beneficiada, mas também toda a família, que não precisa se deslocar com a mesma até o atendimento pode se dizer também que para a criança é mais cômodo, pois é atendida em seu ambiente.

É importante lembrar que uma das dificuldades da criança com autismo é o fato de não se interessar pelo outro, isso dificulta a relação entre o aluno e o professor, com isso prejudica também seu aprendizado, GRANDIN, 1999, diz que já era adulta quando conseguiu olhar nos olhos de alguém, conhecemos uma pessoa quando olhamos em seus olhos, e é assim que estes profissionais e pais trabalham dentro deste ambiente, eles dão a oportunidade para que a criança os veja, não de forma obrigatória, mas de maneira que elas se sintam interessadas pelo o outro que ali esta.

Foi pensando nisso e vendo os resultados, que algumas professoras da sala regular decidiram participar do programa com seu aluno no horário oposto, muitas usam parte do seu planejamento para estar ali pelo menos uma hora com a criança, dando-lhes a oportunidade de se conhecerem e confiarem um no outro, CUNHA, 2009 cita em seu livro que *“...para o aluno com autismo, a principio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição da habilidades sociais e a autonomia”*, é assim que a equipe deste atendimento procura desenvolver o trabalho com estas crianças, pois só com a aquisição de habilidades sociais é que poderão ser incluídas verdadeiramente na sociedade capitalista ao qual vivem.

2.3 Autismo e Inclusão

Sabemos que uma escola inclusiva caracteriza-se, fundamentalmente, pelo compromisso com o direito de Todos à educação, a igualdade de oportunidade e a participação de cada uma das crianças e adolescentes, jovens e adultos, nas varias esferas da vida escolar. As escolas em questão estão buscando eliminar as barreiras a aprendizagem para educar de forma igualitária todos os alunos de sua

comunidade, procurando assim reconhecer a individualidade de cada um e apoiar diligentemente em sua aprendizagem. Segundo Mantoan apud Sasaki(1997 p.126):

As escolas inclusivas propõem um modo de se constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em virtude dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apóia todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

Sendo assim, sabemos que inclusão é uma tarefa árdua, onde os educadores é que tem que fazer a diferença, pois está cada dia mais consciente, mais envolvidos com esses alunos, que de uma maneira muito especial estão conquistando espaço, sua auto-estima, suas habilidades, suas conquistas na sociedade, e os educadores estão irradiantes, pois a cada dia alcançam o tão sonhado objetivo que é o educar na diversidade.

3- ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa em pauta foi desenvolvida no município de Ji-Paraná, sendo 02 escolas municipais o principal alvo da pesquisa, aconteceu no período de agosto a dezembro do ano de 2009 e envolveram 3 professores do Atendimento Educacional Especializado, assim como 3 professores da sala regular de duas escolas onde estão matriculados 3 dos 6 alunos observados no decorrer da pesquisa. Foi investigado como acontece o processo de inclusão das crianças com autismo assim como as alternativas educacionais utilizadas pela equipe da escola e a equipe que trabalha no Atendimento Educacional Especializado, também foi analisado o relacionamento entre professor x aluno e aluno x aluno.

Os aspectos metodológicos foram executados a partir de entrevista, observações e análises de dados tanto quantitativos como qualitativo, com o intuito de investigar os aspectos sociais num todo desses alunos com autismo dentro do ambiente escolar e como ocorre o processo de inclusão. A pesquisa foi realizada utilizando um questionário que foi aplicado nas escolas citadas acima com os gestores, professores, cuidadores e também com os pais. Sou pesquisadora-participante e estou envolvida com o assunto e assim, torna-se mais fácil a

observação em práxis e comprovar a partir da reação diária dessas pessoas nos ambientes escolares e no atendimento educacional especializado.

A metodologia abordada está caracterizada como descritiva, através de questionários aplicados aos gestores, professores, cuidadores e pais. Após os dados terem sido coletados e analisados foram organizados e confrontados com os resultados encontrados.

3.1 Participantes

Os participantes deste trabalho foram os 3 professores do Atendimento Educacional Especializado, 03 professores da sala de aula regular e 06 alunos que estão matriculados no AEE, e na sala de aula regular.

3.2 Instrumentos

A coleta de dados se deu através de questionários, este foi organizado com perguntas abertas e semi-estruturadas contemplando a formação e o trabalho docente. As perguntas abordaram as concepções dos professores sobre o AEE, o desempenho, a frequência e a organização do trabalho pedagógico.

3.3 As Escolas Pesquisada

Esta pesquisa aconteceu em duas escolas do município. Uma de educação infantil e ensino fundamental e outra de ensino fundamental. Por questões éticas seus nomes serão omitidos e substituídos por letras do alfabeto sendo a escola A e a escola B.

O Projeto Pedagógico da escola A, pretende auxiliar a criança a expandir suas características individuais e gerais do desenvolvimento, por isso devemos propiciar atividades múltiplas que favoreçam a integração corporal, bem como a vivência e o aprendizado, dentro de uma perspectiva holística do ser humano.

Para desenvolver seu projeto a escola dispõe de 60 servidores lotados nos diversos setores e uma estrutura física de 10 salas de aula, uma sala de professores, um auditório, uma sala de vídeo, uma sala de leitura, uma sala de informática, uma sala de recurso para atender os alunos com necessidades educativas especiais, um bloco contendo as salas de secretaria, supervisão e direção, banheiro para o uso dos funcionários, quatro banheiros para os alunos, um refeitório, um parquinho coberto, um pátio coberto, uma quadra coberta.

São atendidos atualmente 783 alunos na Educação Infantil e Ensino Fundamental. A escola é muito conhecida e procurada por causa do trabalho da Inclusão - Atendimento Educacional Especializado - A.E.E. O atendimento em média de 31 alunos onde 22 são da própria escola. A sala de recursos multifuncional - SRM iniciou no ano de 2005.

2º- A Escola B Atualmente atende 332 alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano nos períodos matutino e vespertino e 220 alunos de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno, sendo que 17 alunos são especiais, a escola conta ainda com 1 sala multifuncional que atende não só os alunos da escola como dos bairros vizinhos, a escola em questão foi a pioneira em receber a sala de recurso, desde 2005 vem trabalhando para incluir a Todos com qualidade.

A grande maioria destes alunos é oriunda de bairros circunvizinhos. O quadro de professores e demais profissionais é o seguinte: 17 professores no Ensino Fundamental; 12 professores na EJA; 33 funcionários de apoio; A equipe gestora é composta por: Diretora, Vice-diretora, Supervisão diurna, Supervisão noturna e Secretária:

Tanto a escola A quanto a Escola B percorrem o caminho da inclusão diariamente, eliminando as barreiras e propondo as suas equipes uma nova proposta de trabalho, com currículos flexíveis e abertos para que estas crianças consigam aprender dentro de suas possibilidades.

4- RESULTADOS

4.1 Os Professores e sua Atuação com as Crianças Autistas.

Após a análise dos questionários que foram aplicados com o objetivo de verificar o processo de inclusão das crianças autistas nas escolas A e B tornou-se evidente que os professores são totalmente favoráveis a uma escola inclusiva, no entanto, fazem algumas ressalvas. Entre elas a falta de preparação para trabalhar com crianças com este transtorno tão complexo.

Assim, segundo Macedo (2005, p.31):

O professor, de um modo geral, na realidade da sala de aula, das orientações, do trabalho com os alunos, da vida institucional escolar, enfrenta os problemas de uma prática difícil de ser realizada e, mais ainda, de ser refletida. Esse professor que nem sempre pode preparar as aulas como gostaria, nem sempre acerta no que faz, apesar das boas intenções atrapalha-se, equivoca-se. Apesar disso trabalha esperando o melhor para seus alunos e desejando que, quando adulto, possam, quem sabe, substituí-lo de modo mais pleno.

Apesar dos professores não considerarem preparados para atender essas crianças, acreditam que a inclusão tem muitas vantagens, pois promove a interação da criança autista com vários grupos, já que interação é uma das áreas afetadas nestas crianças. Em um dos relatos a professora disse: *“eu sei a professora que quero ser, fico triste, pois minha carga horária não me permite planejar com mais eficiência, sem contar a superlotação das salas e a falta de espaço que enfrentamos para uma criança autista esta falta de espaço e a superlotação se torna um transtorno, pois dificulta sua atenção e sua necessidade de se locomover”*.

Quando foi perguntado se ela se sentia preparada para trabalhar com crianças autistas na sala de aula regular ela respondeu: *“...preparada não, mas procuro me informar, até o aluno chegar eu nunca tinha lido a respeito, estou aprendendo na prática e com a ajuda de colegas, muitas coisas que eu fazia já não faço mais, estou revendo minha prática pedagógica, se precisar mudar então mudarei, claro sempre pensando em todos e na necessidade diferenciada de cada um”*.

Ficou evidente que o autismo assusta e muda a concepção de muitos, em uma conversa com uma das professoras que atende um aluno autista ela relata que

a principio acreditava que a criança era mal educada, pois fazia birra constantemente, e queria que tudo girasse em torno dela, segundo ela foi difícil entender que seu aluno tinha dificuldade de conviver socialmente, mas que depois de quase um ano de trabalho é recompensador ver os avanços que seu aluno teve, perguntei a que devia tais mudanças, a professora disse que deve não só o trabalho que faz em sua sala, mas também ao trabalho que é desenvolvido com seu aluno no Atendimento Educacional Especializado, pois inclusive ela fez parte das sessões dentro do quarto de brincar, ela ainda fala que foi a partir daí que conseguiu ser reconhecida pelo aluno, pois praticamente não olhava para ninguém quando chegou à escola, outro avanço que a professora relata é o fato do aluno deixar de ter crises de choro e agressividade, pois se apresenta mais calmo e mais centrado e agora consegue sentar e até ouvir historias juntamente com seus colegas na roda da conversa.

A professora finaliza dizendo que aprendeu muito mais que ensinou, pois sua concepção de inclusão mudou satisfatoriamente. É por isso que Macedo (2005 p. 37) diz que: “o professor que não se sente enriquecendo seu repertório de conhecimento pedagógico no dia-dia da sala de aula, que não sabe dar um estatuto educacional para todos os conteúdos agora presente na escola para Todos acabará desestimulados e insuficientes.”

É com este pensamento que a equipe pedagógica das duas escolas pesquisadas procura conscientizar cada professor de seu comprometimento com a inclusão das crianças autistas. Segundo a professora da sala de recurso somente a minoria não vê com bons olhos este trabalho desenvolvido na escola e que acredita que em pouco tempo ou serão contagiadas pelo carinho destas crianças ou terão que dar espaço para quem realmente acredita e sabe que a educação é para Todos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradigma da inclusão remete a pensar as questões do acesso e da qualidade na educação, chamando a atenção dos sistemas de ensino para a necessidade de uma nova organização dos espaços educacionais a partir de uma visão abrangente do currículo com vistas à eliminação das barreiras que dificultam ou impedem a participação e aprendizagem de todos na Escola.

Através das observações e vivências no decorrer desta pesquisa, ficou evidente a dificuldade enfrentada tanto no ambiente escolar quanto no AEE ao qual estas crianças participam, apesar disso essas escolas procuram fazer o melhor, quem sabe errando muitas vezes, mas sempre na intenção de acertar, e assim como disse uma das professoras, “... *cada criança é diferente da outra e não somos especialistas em deficiências mas somos educadores de Todos e essa é a diferença*”.

6. REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial.** MEC/SEESP: Brasília, 1994.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** MEC/SEESP: Brasília, 2001.

BAPTISTA, Roberto Claudio e BOSSA, Cleonice. **Autismo e Educação: reflexão e propostas de intervenção:** Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERMAN, Tali Field. **Brincar Para Crescer: 201 atividades projetadas para ajudar sua criança especial a desenvolver habilidades sociais fundamentais.** Santa Maria: Pallotti, 2009.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

FÁVERO, E. A. G. **Atendimento educacional especializado: aspectos legais e orientações pedagógicas.** São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FERRARI, Pierre. **Autismo Infantil: o que é e como tratar.** São Paulo: Paulinas, 2007.

GRANDIN, Temple. **Uma Menina Estranha.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Inspirados pelo Autismo *Informando, Inspirando e Habilitando Famílias, Profissionais e Crianças com Autismo.* In; { **HYPERLINK** "<http://www.inspiradospeloautismo.com.br/>" } dia 03/03/2010 às 10;30h

MANTOAN, M. T.E. **Inclusão Escolar: O que é? por quê? Como fazer?** 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo Infantil:** São Paulo: Memnon, 2003.

TABACHI, Dalva. **Mãe, Me Ensina a Conversar: vencendo o autismo com amor.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.